

Os migrantes cearenses e o horizonte amazônico no século XIX



Antônio Alexandre Isidio Cardoso

Mestre em História Social
Universidade Federal do Ceará

Resumo:

As migrações de cearenses para o território amazônico no século XIX são comumente associadas a decisões estatais ou a períodos de estiagem, deixando pouco ou nenhum espaço para a discussão do papel dos próprios migrantes nesse processo. O presente artigo busca ir além desse tipo de raciocínio — que oblitera os migrantes e suas experiências — de modo a entrever outras possibilidades de leitura do fluxo, ao situar as ações dos sujeitos em seu bojo (sem perder de vista as implicações estruturais político-econômicas). Fontes como jornais, relatos oficiais, literatura, dentre outras, foram utilizadas com o objetivo de perseguir o rastro dos migrantes, tendo em conta suas intervenções diante das travessias. Desse modo, destacar-se-á neste trabalho o estudo das motivações, dos anseios presentes entre os milhares de homens e mulheres que migraram rumo à região amazônica nos oitocentos.

Palavras-chave:

Ceará — História — Século XIX
Amazônia
Migração interna

Artigo advindo de discussões presentes na dissertação *Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre o Ceará e o território amazônico (1847-1877)*, trabalho defendido no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará em 2011. A pesquisa foi orientada pelo professor Dr. Eurípedes Antônio Funes e financiada pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológica (CNPq).

Rompendo vínculos, buscando outras terras, outros povos, enfrentando incertezas, os migrantes movem-se no rastro de possibilidades, de sonhos. O caráter movediço de suas vidas articula-se com a conformação de novas territorialidades, erigidas através do contato das vivências migrantes com outras maneiras de apreender o mundo, encontradas em seus destinos. A análise dos deslocamentos humanos deve levar em conta tal inter-relacionamento, presente na elaboração das experiências migrantes, de intervenções que incidem sobre os novos territórios.

Essas considerações podem ser compreendidas através do estudo do processo migratório de cearenses rumo ao território amazônico na segunda metade do século XIX, cujas paragens foram invadidas por milhares de migrantes, conectados ao avanço do extrativismo. A problemática a ser enfrentada refere-se ao papel do migrante cearense na construção da floresta como zona de atração, inserindo-os como partícipes do processo, no intento de investigar como foi tecido o lastro das travessias. Afinal, por que tantos escolheram deslocar-se? Como foi possível a interligação entre áreas tão distantes e distintas do Império? O desafio de contribuir com o esclarecimento dessas questões passa pela crítica a alguns estudos que tratam da temática, tendo em vista que poucos deles consideram as trajetórias migrantes como aporte para o entendimento dos deslocamentos rumo à floresta.

Em geral, são combinados três fatores explicativos que dão conta do processo migratório. O primeiro diz respeito aos interesses da indústria internacional, capitaneada por ingleses e norte-americanos que demandavam o látex, na época somente extraído em terras amazônicas. A escalada ascendente do preço do leite das seringueiras, segundo tal argumentação, teria articulado a ida de milhares de pessoas à floresta, que necessitava de braços para responder à grande procura da matéria prima. O cerne do problema incidiria sobre a carência de mão de obra de um lado e a fartura de trabalhadores existente em outros lugares do Brasil (como no Ceará), que seriam atraídos pela alta de preços, fonte do encantamento de milhares de pessoas diante das possibilidades de enriquecimento. “Essa enorme transumância indica claramente que em fins do século XIX já existia no Brasil um reservatório substancial de mão de obra [...] permitindo a economia mundial preparar-se para uma solução definitiva do problema”.¹

1 Celso Furtado, *Formação econômica do Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2004, p. 137-139.

Em sintonia com tal demanda de trabalhadores, a segunda matriz explicativa que comumente é acionada diz respeito ao “certo” momento inaugural das migrações, ocasião em que a província do Ceará aparece como o reservatório de mão de obra. A grande seca de 1877 a 1879 é eleita como “razão” para as travessias, como evidencia Craveiro Costa ao afirmar que “no correr dos anos de 1877-1879, quando o Ceará foi flagelado por horrorosa seca, o interior do Amazonas *começou a povoar-se* [...]. Todo o imenso vale do Amazonas encheu-se de cearenses *tangidos da terra natal pelo fenômeno climático assolador*”.²

Como se vê, o vale amazônico era tido como um espaço vazio, fonte de riquezas ainda insondáveis a espera dos braços desbravadores responsáveis pelo despertar de seu sonho edênico, transmutado a partir da labuta sistemática nos seringais em resposta à sanha da indústria internacional. A seca, portanto, torna-se a chave mestra para a discussão, pois é entendida como inerente ao processo migratório, posicionada como marco inicial do deslocamento de cearenses para a Amazônia.

Dessa maneira, os “desventurados” cearenses somente teriam como alternativa migrar, como “verdadeiros esqueletos animados, com a pelle ennegrecida pelo pó das estradas e collada aos ossos”,³ transformados em vítimas, dignos de dó. A seca é aí percebida como fenômeno causador das migrações e de todas as dificuldades do sertanejo, levando-se em conta que, segundo tal abordagem, os problemas em torno da sobrevivência somente se apresentavam verdadeiramente em momentos de estiagem, como eles vivessem harmonicamente, sem enfrentamentos em época de chuvas regulares. Essa perspectiva tece uma “história do inevitável, do fatal, do imutável. Os rios secam, os reservatórios secam, a terra seca, as plantas morrem, o gado morre... E o sertanejo ou morre, ou se retira”.⁴

A terceira linha explicativa se afina ainda com o momento problemático da estiagem, tendo em conta as ações do Estado em parceria com os interesses dos grandes proprietários e do mercado internacional. Isso

2 Craveiro Costa, *A conquista do deserto ocidental*, Rio Branco, Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998, p. 36-37, grifo nosso.

3 Rodolpho Theóphilo, *História da seca no Ceará: 1877-1880*, Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922, p. 97.

4 Viviane Lima de Moraes, *Razões e destinos da migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX*, Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003, p. 31.

considerando a elaboração de políticas públicas de socorros à população desvalida, onde se inseria o subsídio de passagens para outras localidades do Império, não por acaso em grande medida rumo à floresta. Em virtude da enorme quantidade de pessoas que se deslocavam do interior da província para as cidades litorâneas nos momentos de estiagem (sobremaneira para Fortaleza) a classe proprietária (posicionada dentro do Estado) teria tomado a decisão de enviar para o Norte, que necessitava de braços, aqueles indesejados, refugos das secas, que erravam nos sertões e cidades do Ceará, e que teriam alguma serventia nas matas.⁵

[...] no triênio 1877-1879, anos de dura seca, o Nordeste, em seu conjunto, e o Ceará, em particular, experimentaram outro tipo de deslocamento de trabalhadores: o dos pobres-livres-flagelados. A classe proprietária tomou a decisão de abrir — temporariamente — uma exceção ao controle desse reservatório de mão-de-obra e tornou disponível para outras oligarquias regionais. Inaugura-se, pelo menos oficialmente, a relação seca-migração. [...] Como observamos, o binômio seca-emigração é indissociável.⁶

Sem vontade, sem rosto, sem rumo, os “pobres-livres-flagelados”, para utilizar a denominação de Verónica Secreto, tinham sua sina decidida sob os auspícios de “outros”, que guardavam a batuta da História. Seguindo a referida linha de raciocínio, o que restava a muitos desses infelizes, acossados pela seca, era acatar a decisão superior e seguir rumo ao Norte. Isso resolvia um duplo problema: diminuía a quantidade de pessoas que acorriam às cidades em busca de socorros e, de quebra, ainda auxiliava no aumento necessário do número de trabalhadores espalhados pela bacia amazônica, “disponibilizados” pela província a outras oligarquias regionais responsáveis pela produção do látex, matéria prima de grande valia à época aos ímpetos capitalistas.

Essa versão da história das migrações Ceará-Amazônia não considera o papel dos sujeitos que sofreram o processo na pele, que viveram

5 A presença desses sujeitos dentro do Estado era notória, característica de uma política patrimonialista e das tênues fronteiras entre o público e o privado, que davam as tintas das relações e intervenções desses potentados rurais nos jogos de poder no século XIX. No Ceará, tais representantes da elite tinham ligação direta com grandes propriedades de terra, cujas principais atividades se estabeleciam entre a pecuária e a lavoura agrícola (por vezes combinados, no chamado binômio gado-algodão). Nesse quadro destacava-se a cotonicultura, que desde os fins do século XVIII movimentava a pauta de exportações do Ceará, acompanhando os altos e baixos da produção estadunidense.

6 Verónica Secreto, *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 37-39.

a travessia. As ações dos migrantes não são levadas em consideração na medida em que são delegadas às estruturas econômicas e políticas as rédeas do processo, o que configura uma história desencarnada, sem pessoas. Como resposta crítica a tal versão, busca-se inserir os migrantes enquanto partícipes na conformação dos deslocamentos, levando em conta também as implicações de suas ações, em diálogo com a variedade de outros fatores conjugados na trama das travessias.

É importante salientar que a problemática das secas, as ações do Estado e os interesses capitalistas não devem ser obliterados em nome das ações migrantes, mas sim entendidos em suas sincronias e diacronias, tendo em conta seus desvãos, tensões, e considerando a pluralidade de fatores que corroboraram com o processo. Busca-se ir além do raciocínio das interpretações que apontam como razão das migrações de cearenses para o território amazônico as causas e consequências relacionadas às secas, ligadas ao fatalismo da fome e da orquestração estatal da travessia. Isso sem a intenção de desconsiderar tais fatores, mas buscando enxergar outros vieses, analisando também o papel das ações dos migrantes.

Essa tarefa de centrar a atenção nos migrantes reforça a intenção de vê-los em movimento, mas não necessariamente movidos por algo que lhes é exterior, movimentando-se no rastro das suas possibilidades, das suas intenções. Deslocar-se para o território amazônico tinha um sentido recheado de singularidades, onde se situava uma pluralidade de motivações que foram construídas também sob o arbítrio dos migrantes; afinal, por que tantos foram para o Norte e não para outro lugar? Essa questão que diz respeito a algo tão subjetivo não é impossível de ser analisada, pois apesar dos relatos serem encontrados nas fontes de maneira “exígua, dispersa e renitente”,⁷ não é razoável perder de vista o papel dos que de fato se deslocaram, e que com certeza têm muito a dizer sobre tudo o que passou, como se passou e porque se passou. “É verdade que as informações se escondem, ralas e fragmentadas, nas entrelinhas dos documentos [...] Trata-se de reunir dados dispersos e de esmiuçar o implícito”.⁸

Perseguir os migrantes nas fontes não é uma tarefa fácil, visto que a maioria de seus reclamos foram registrados por “outros”, como no caso da

7 Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes: cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 22.

8 Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 13-14.

maior parte dos trabalhadores pobres livres e escravos à época imperial. Um momento de significativa valia para localizá-los em movimento foi ambientado em ocasião da grande seca de 1877 a 1879, quando os impressos davam largo espaço à discussão sobre a estiagem, deixando entrever a presença dos migrantes, geralmente tratados como maltrapilhos inocentes que buscavam o Estado em busca de socorro. No entanto, no caminhar da leitura, principalmente dos jornais, é possível mirar desejos, intenções que não tratam necessariamente a desígnios alheios, analisadas em ocasiões nas quais o território amazônico era apontado como alternativa aos problemas enfrentados, como destino almejado.

Visitamos os arraiaes de emigrantes de Uruburetama e Imperatriz, que vieram pedir recurso na Capital e tivemos de lamentar o quadro mais pungente, que oferecem 8 famílias, coberta de farrapos, pálidas de fome, descrentes, quase desesperados. Um dos chefes dessas desventuradas famílias que as privações atirarão para longe das terras onde tiverão berço, manifestou-nos desejos de *ir procurar no centro do Pará ou Amazonas meios de subsistência que aqui lhe falecem*. O Estado das paragens que deixou pintou-nos o pobre velho do modo mais lamentável acrescentando que muito maior número de infelizes prepararam-se para abandoná-las. Assim teremos de ver reproduzidas brevemente cenas por ventura mais desagradáveis do que as da ultima de 1845.⁹

Apesar de “descrentes e quase desesperados” no percurso da grande seca iniciada em 1877, é perceptível que esses migrantes buscavam alternativas, se manifestavam, como no caso do chefe de família que desejava “ir procurar no centro do Pará ou Amazonas os meios de subsistência que aqui lhe falecem”. Os “esqueletos animados” costurados por vezes na obra de Rodolpho Theóphilo, nesse caso, ganham voz, e não no tom uníssono da esmola, mas afirmando um destino que certamente já povoava seu imaginário.

E mais, o jornal, nesse contexto, afirma a iminência de “ver reproduzidas brevemente cenas por ventura mais desagradáveis que as da ultima grande secca de 1845”, o que implica em situar a problemática das migrações para Fortaleza, e quiçá para as terras amazônicas, em momentos anteriores aos de 1877. As províncias do Pará e do Amazonas aparecem como

9 *Cearense*, 18/04/1877, grifo nosso. Disponível em Brasil, Biblioteca Pública Menezes Pimentel (BPMP), Setor de Microfilmagem, rolo 84, n. 2-108.

rumo, como alternativa aos desvalidos em meio aos problemas enfrentados nos momentos da seca, indicando que antes das agruras aquelas pessoas já tinham conhecimentos sobre o destino almejado, inclusive apontando que lá havia meios de resistir à miséria. Com isso, é interessante destacar que ao entrever as falas migrantes a partir da análise das fontes não passa despercebida sua participação na eleição da floresta como rumo, com interferência na elaboração das políticas públicas de subsídio de passagens que foram empreendidas pelo governo provincial no percurso dos anos de seca.

Ainda considerando o discurso dos jornais, principalmente o *Retirante* e o *Cearense*, observa-se certa aversão para com as migrações rumo às terras amazônicas, consideradas doentias, permeadas de mazelas que ultrapassavam a problemáticas sociais enfrentadas na província do Ceará. O Estado era avidamente criticado por permitir que tantos cearenses deixassem a província, principalmente para embarcar na calha do longínquo rio Amazonas, de maneira a condenar os migrantes ao cativeiro da floresta — talvez os apartando definitivamente do seu torrão natal, que perdia população e, conseqüentemente, braços para o trabalho. Entretanto, em detrimento dos argumentos dos jornais, a possibilidade do deslocamento se sedimentava no transcurso da estiagem, aumentando vertiginosamente o número de pessoas que desembarcavam diariamente de Fortaleza buscando os portos amazônicos.

Acha-se restabelecida a corrente de emigração para o Amazonas. Muitas famílias já seguiram e outras vem em caminho com igual destino. Segundo informam vão embarcar para ali cerca de 300 pessoas! O povo descrente lança mão desse meio, que qualificamos de recurso do desespero. Fogem à fome em sua província, para permanecerem nos pântanos do Amazonas, sob o jugo do mais tyrano cativeiro.¹⁰

O que era considerado pelo jornal como “recurso do desespero”, como empreitada insana que objetivava estabelecer contato com o “mais tyrano cativeiro”, para os migrantes figurava como possibilidade referenciada por um horizonte de expectativas, cuja raiz seguramente se distanciava das representações de agruras, de mazelas superiores às enfrentadas na província do Ceará. É possível detectar uma multiplicidade de

10 *Cearense*, 20/05/1877.

imagens que referenciam o Norte amazônico perpassada pela leitura dos migrantes, composta também em sintonia com suas experiências gestadas nas travessias. Urge identificar suas composições, as maneiras que tais arranjos foram se estabelecendo, no intuito de entender como foi efetuado o vínculo migratório entre o território amazônico e o Ceará.

Facetas migrantes

Esse tipo ignora fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos sabe transformar esse em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.¹¹

Ao analisar as travessias atlânticas, Sérgio Buarque de Holanda localiza no ato de migrar os germens da aventura. Somente a possibilidade de enriquecer rapidamente poderia motivar os muitos que enfrentaram o “mar tenebroso”, frequentado por monstros marinhos e sereias traiçoeiras, enfrentar meses de viagem pelo oceano, quase sempre com a boca seca, o estomago vazio e os olhos fitos no horizonte. As promessas eram muitas, dizia-se que a “zona tórrida” guardava o paraíso, que a América tinha habitantes nus, e que talvez esses fossem inclusive descendentes diretos de Adão e Eva. Havia, ainda, ouro, prata, riquezas ainda insondáveis que mexiam com os brios de muitos. O horizonte, de tanto ser contemplado pelos viajantes, recebia o conjunto das expectativas, embora ninguém o alcançasse. Para além devia haver alguma coisa escondida, os sonhos dourados edênicos, as possibilidades de ser rico para sempre. Ouvia-se dizer que estava além, sempre além. Navegar, viver... Errar era preciso. Aventureiro e migrante eram sinônimos.

A exemplo dos “intrépidos” navegantes dos séculos XV e XVI, muitos migrantes ganhavam e ganham a alcunha de “aventureiros”, chegando até a granjear ares de irresponsabilidade, desvario, desatenção a suas raízes, pois para estes afoitos as trilhas só existem quando são trilhadas; a principal tarefa é “ganhar o mundo”!

11 Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 44.

Para a felicidade dos historiadores não há caminho se não há pegadas, marcas que deixam entrever os passos. Ao examinar os sinais deixados no percurso, é bem provável que tenhamos a surpresa de descobrir quem passou por lá, e até de que maneira caminhavam, e para onde foram. Resta saber, por que foram? A partir desse problema busca-se analisar os caminhos dos migrantes do Ceará rumo ao território amazônico nos oitocentos. Seriam afoitos? Ambiciosos? Enfim, o que importa é inseri-los nas redes de sociabilidades que lhes atribuíam sentido, analisando como foram construídas suas movimentações.

No trabalho de Samuel Benchimol os migrantes que rumaram à Amazônia aproximam-se do perfil aventureiro, atentos as riquezas guardadas nas opulentas matas que eram “subaproveitadas” pelo “tostão de gente” que as habitava. Suas motivações estavam guardadas no brilho do afamado “ouro negro” que transformava pobres em afortunados, principalmente os migrantes do Ceará, vistos como habituados às asperezas da vida que facilmente seriam prósperos numa “terra mole”, regada por um “milhão de rios”.

Fartura em terras, rios imensos, a possibilidade de fazer fortuna nos seringais. Seria o paraíso?

Um milhão de rios, de índios, de matas, de drogas, de coisas para um tostão de gente. Só mesmo a ambição, a cobiça dos olhos com a mobilidade dos pés, ocupando os horizontes enormes, poderia corrigir a distância.¹²

As imagens costuradas por Benchimol bebem do longo processo de elaboração do território amazônico como atrativo, recheado de mistérios e potencialidades, representações que permearam as travessias que atingiram a floresta e tiveram nos potenciais migrantes seu alvo principal. Portanto, é interessante analisar quais as áreas de contato, ou melhor, de inter-relação existente entre as mensagens atrativas do mundo amazônico e os muitos que enveredaram o caminho das matas, assim como as vias pelas quais a Amazônia fora trazida até a província do Ceará.

O fluxo migratório entre a província do Ceará e o território amazônico no século XIX teve significativa projeção na imprensa, na

12 Samuel Benchimol, *Amazônia: um pouco — antes e além depois*, Manaus, Umberto Calderaro, 1977, p. 156.

literatura, nas falas oficiais de Presidentes de Província, nos relatos de cronistas, de viajantes, permeando, portanto, várias frentes dos estratos sociais que interpretaram e documentaram o processo migratório de maneiras diversas. Fala-se em “fluxo” e não em migrações aleatórias, tendo em vista a grande recorrência de registros que tratam dos cearenses em suas travessias por toda a segunda metade do século XIX. Um indicativo da multiplicidade de fatores envolvidos, que devem levar em conta também o papel do próprio migrante na leitura da possibilidade do deslocamento. Seguindo tais indicações, apontam-se os versos de Juvenal Galeno em *O emigrante*, contidos na obra *Lendas e canções populares* (1865), para iniciar a discussão sobre as trajetórias migrantes aqui destacadas. Percebe-se na trajetória de Galeno como literato uma preocupação em reunir retratos de manifestações populares, colhendo-as, interpretando-as e exteriorizando-as através de seus escritos, dando uma imensa contribuição aos estudos sobre as várias facetas da sociedade cearense nos oitocentos.

Vou deixar a minha terra,
 Vou deixar para os matos d´além...
 Que aqui não acho serviço
 Para ganhar meu vintém!
 Vou soluçando saudoso
 Do Ceará, do meu bem!
 [...]
 Agora adeus, ó meus campos,
 Adeus, brancos areais,
 Que vou lutar pela vida
 Nos desertos matagais...
 Que vou enxugar meus prantos,
 Com choros dos seringais!¹³

Ao tratar do fluxo migratório (do qual o autor era contemporâneo) Galeno dá vazão em seu poema ao posicionamento de um migrante no enfrentamento da travessia, indicando suas motivações e seus objetivos no bojo da migração. Isso pode ser percebido em afirmações como “Vou deixar minha terra”, “Que aqui não acho serviço”, “Vou soluçando saudoso”, “Do Ceará, do meu bem!”, trechos que dão indicativos dos caminhos travados vivenciados nos mundos do trabalho da província do Ceará naqueles tempos. Todavia, a saudade logo em seguida dá lugar às possibilidades vislumbradas “nos desertos matagais”, quando afirma: “Vou enxugar meus prantos” e “Com choros dos seringais”. O autor enunciou, dessa forma, a presença de

13 Juvenal Galeno, “O emigrante”, in: *Lendas e canções populares*, Fortaleza, Casa Juvenal Galeno, 1978, p. 526-528.

representações do mundo amazônico em circulação no Ceará que dizem respeito ao cotidiano extrativista, já capitaneado à época pelo referido “choro dos seringais”, o afamado látex que alimentava a sanha da indústria internacional.

Ao analisar o poema de Juvenal Galeno urge questionar: como e quando os migrantes passaram a perceber a travessia como possibilidade? E ainda, quais os fatores que transformaram o mundo amazônico em alternativa para estes sujeitos? Fitando alguns caminhos para satisfazer tais inquietações, pode-se apontar a produção intelectual de Rodolpho Théóphilo, riquíssima em referência ao tema das migrações no Ceará. Em 1899 foi publicada a primeira edição de *O paroara*, obra que tem como mote os deslocamentos de cearenses rumo à floresta. Referenciado por seus testemunhos e experiências em períodos de estiagem (inclusive tendo participado ativamente de campanhas de vacinação entre a população desvalida), Théóphilo fala no seu texto sobre o grande contingente de pessoas vindas do interior em direção à capital do Ceará, tratando, especialmente, dos dramas vividos pelos embarcados em direção à floresta. Seu personagem principal é João das Neves, marcado na obra por sua sorte amaldiçoada, por uma vida atravessada pela desgraça.

Desde criança a sombra da morte o perseguia, pois as primeiras lembranças da infância são relacionadas à sua separação da família, que vinda do interior da província para Fortaleza buscava socorros no pavoroso ano de 1877. Maltrapilhos e vagando pela capital, os pais de João das Neves embarcam rumo ao Norte, tendo em conta o subsídio das passagens articuladas pelo governo provincial, e no ato do embarque se separam do filho, no tumultuado movimento de lanchas que levavam os retirantes à proa do Vapor Pernambuco.

Nesse fatídico dia, apartando-se de seus progenitores, João das Neves retorna para a brancura das areias da praia, num momento de grande dor, dividida com muitos outros que iam sendo separados de suas famílias. Nos dois anos seguintes, marcados ainda por dura estiagem, o garoto João das Neves consegue sobreviver pelas ruas de Fortaleza, até que em 1880, com os primeiros prenúncios da estação chuvosa, muitos sertanejos retornam ao interior da província, inclusive a personagem de Théóphilo. Nas lembranças de João das Neves morava a esperança de que um dia seus pais retornassem do Amazonas para buscá-lo, pois ano a ano chegavam notícias

daquelas terras, trazidas por alguns conhecidos que retornavam — alguns até ricos, outros decadentes, acometidos pelas febres da floresta.

As terras do Amazonas e do Pará bailavam pela mente de João das Neves, cujos pensamentos eram fitos nas desventuras de sua família que havia migrado, e também pelas possibilidades que aquele mundo de águas vinha acenando ao sertanejo. Num ano em que se anunciava outro período de forte estiagem, João das Neves teve notícias de que um vizinho, gente próxima da família, retornara do Amazonas rico, com grossos cordões de ouro, anéis, chapéu-de-sol, e promovia um samba em comemoração ao batismo de uma criança da freguesia, regado a muita música e cachaça. João Simão, que todos naquele momento identificavam como paroara, aproveitava o ensejo da animação para aplicar a sua “lábria”.

Aqui, a seca torrando as plantas, esgotando as fontes; lá, água por toda parte, o rio-mar correndo com uma estupenda majestade centenas e centenas de léguas, alimentado por milhares de tributários, que serpenteiam a sombra de crescidas e copudas árvores e se lançam nele, que como um oceano fluviátil rola indolente até topor com o mar. Os recursos naturais acham-se profusamente espalhados. *Homem para comer não precisa trabalhar.* A caça não era miúda como a daqui, era grande e de tal abundância que não se dava vencimento. [...] Qualquer espojeiro lá dava mais futuro do que qualquer lavra de quinhentos passos daqui. Não era isso ainda tudo. *Ter a barriga cheia era bom, mas a bolsa também ainda era melhor.* Qualquer caboclo ruim de serviço, mesmo lombando, tirava na roda do dia cinco quilogramas de borracha, que o patrão, embora estradeiro comprava por vinte mil réis. Aqui o trabalhador mais famanaz, alurado, o maior jornal que ganhava era oitocentos réis e isso a seca.¹⁴

É possível, portanto, localizar na comemoração um momento ímpar, onde a figura do paroara, mensageiro dos mundos do trabalho da floresta, toma forma de maneira mais nítida; entre uma libação e outra, ao sabor do “saracutiar” do samba, os efeitos do álcool e da música se misturavam aos sonhos de ser como o paroara numa ocasião futura. A situação era certa para a mensagem do “agenciador”, que tinha como desígnio justamente arregimentar pessoas para a faina na floresta, cuja tarefa passava pela publicização das representações de uma terra opulenta.

14 Rodolpho Theóphilo, *O paroara*, Fortaleza, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974, p. 107, grifo nosso.

A floresta aparecia vestindo trajes de gala, sempre servindo como contraponto das mazelas enfrentadas pelos antigos companheiros de sertão, posto que o próprio João Simão era identificado na obra como um antigo “sofredor”, que vivera travosos tempos no Ceará e conhecia bem as necessidades dos espectadores de sua fala. A água em abundância, as caças “que não eram miúdas” como as do Ceará, os recursos que estavam “profusamente espalhados” davam conta de um mundo onde “não se precisava trabalhar para viver”, um verdadeiro paraíso que convidava aqueles homens sofridos e bêbados, e utilizava como instrumento a voz do paroara. E isso não era tudo: havia ainda a possibilidade real de enriquecer, de fazer fortuna como ele próprio o fizera com a extração da borracha, pois as cifras do pagamento na faina do látex eram muito superiores à remuneração nos extenuantes “jornais”.

A análise da obra de Theóphilo indica um caminho para entender a articulação das possibilidades de migrar para a Amazônia. As mensagens do paroara estavam enredadas num mundo farto e de fácil sobrevivência, acrescido ainda pelos acenos da riqueza gumífera. A elaboração dessas referências não são simplesmente artimanhas dos recursos textuais e dramáticos utilizados pelo autor, pois podem ser verificadas em outras fontes que discorriam sobre o tema das migrações, inclusive externando opiniões que alertavam sobre o “cinismo” de homens como João Simão.

Como no caso do jornal *Retirante*, que no ano de 1877 publicou uma série de cartas cujo autor é nomeado como “Caboclo Velho”, migrante saído da província do Ceará que alertava a seus patrícios contra o trabalho dos paroaras, considerados mentirosos a iludir seus irmãos com um discurso cheio de falsas promessas.¹⁵ Os relatos informam sobre a trajetória de um velho migrante que já no final da vida se ilude com o brilho das possibilidades amazônicas, ao empreender sua trágica travessia rumo a um seringal do rio Purus. Trata-se provavelmente de um pseudônimo que, utilizando as referências conhecidas à época sobre as migrações, tentava desencorajar, com o malogrado destino do Caboclo Velho, os muitos que intentavam seguir o rastro das migrações.

Ao perceber que naqueles momentos de estiagem o fluxo migratório era engrossado pelas multidões de retirantes que chegavam

15 Ao todo são três cartas que foram publicadas originalmente, segundo o editorial do *Retirante*, em 1873, no *Cearense*, cuja edição não se encontra microfilmada na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

diariamente a Fortaleza, o jornal militava contra as travessias usando as cartas como instrumentos de sua ação. Como “orgam das victimas da secca”, o *Retirante* tinha como um de seus objetivos informar à sociedade sobre o destino conturbado vivenciado pelas *levas* de migrantes que haviam embarcado nos portos amazônicos antes do período da grande seca de 1877.

O jornal condenava a política de subsídio de passagens promovida pelo governo provincial, que arcava, no ano de 1877, na gestão do presidente Caetano Estelita, com as “comedorias”, levando-se em conta que as Companhias de Vapores teriam se “oferecido” para transportar os maltrapilhos em troca somente da alimentação dos tripulantes. Estranhava ao *Retirante* este arranjo, inclusive considerava as notícias do processo de endividamento dos migrantes que as cartas do Caboclo Velho noticiavam, dando conta do conjunto de oferecimentos que os paroaras faziam aos trabalhadores.

Meu velho, disse elle, nada mais simples, pago por você todas as despezas que aqui necessitar fazer; dou-lhe o dinheiro que quizer: pago-lhe a passagem até o ponto do nosso seringal: quando lá chegarmos lhe darei pelos preços correntes os aparelhos para o trabalho da siringa, e toda a sustentação precisa. Olhe que nada lhe faltará. Repliquei, e por tanta bondade o que lucra V.S.? Respondeu-me sorrindo, - uma pequena porcentagem, que não valle a pena falarmos agora nisso. Acreditei piamente em suas palavras, e com todos os demais companheiros agradecemos-lhe tão phylantrópicos favores.¹⁶

Não é possível afirmar que havia relações entre os paroaras e as companhias de vapores, conformando uma espécie de parceria que comungaria da ideia de fomentar a migração para a floresta. Entretanto, é salutar não perder de vista que nos escritos da carta do Caboclo Velho o paroara oferecia em forma de adiantamento o pagamento da passagem até o “ponto do seringal”. Mesmo sem saber ao certo de onde hipoteticamente o Caboclo partira em 1873 (provavelmente de Fortaleza), é judicioso perceber que o endividamento do migrante se iniciava já com a passagem, que estranhamente era abatida no período da seca, atitude não despercebida pela crítica do *Retirante*.

16 “2ª carta do ‘Caboclo Velho’ ao redactor do *Cearense*, Hyutananhã, 28/06/1873”, *Retirante*, 12/08/1877, grifo nosso. Disponível em BPMP, Setor de Microfilmagem, rolo 36A, sem numeração.

É interessante ainda salientar que não era apenas a passagem que se adiantava, como também o eram os instrumentos de trabalho e “toda a sustentação precisa” após a chegada ao seringal — algo classificado pelo velho migrante como um excesso de bondade, já que tudo isso seria em troca de uma pequena porcentagem para o paroara. Tal conjuntura fazia parte da grande cadeia do “aviamento” praticado nas explorações extrativas desde tempos muito antigos, e que chegava à província do Ceará através desses agenciadores. Esses homens podem ser considerados um dos elementos de ligação do território amazônico com e o Ceará, onde eram vaporizadas as promessas de melhoria na farta floresta, livres de carências e recheadas de possibilidades.

Em outro trecho da carta aparecem as impressões apreendidas pelo migrante no caminho até seringal, as piores possíveis, tendo em vista que as respostas dadas pelos patrícios, que haviam migrado anos antes, eram conformadas por exclamações de dor, de tormento em meio à vida desgraçada que levavam. A esperança de fortuna tinha se transformado em desespero diante das enormes dívidas, crescentes mesmo para o mais estoico seringueiro que labutasse de sol a sol de maneira irrepreensível, pois os preços dos aviamentos fornecidos eram imensamente inflacionados, impossibilitando o saldo positivo nas contas com o barracão. Nesse sentido, entram em cena as facetas do arrependimento da travessia, pois o decantado Eldorado não correspondia aos anseios, não entrava em concordância com a representação do paraíso que povoava as mentes dos migrantes.

Ignorante do modo de viver, e negociar-se n'estas águas, comecei a informar-me dos diversos cearenses que nas barracas ia encontrando, sobre o estado de *riquezas* em que se achavam? Então todos *una voce* diziam-me: ah! meu pobre velho, em que desgraça veio você cair no seu ultimo quartel de vida! Aqui o nome de riqueza e liberdade já está riscado das nossas imaginações; aqui nem sequer vive-se; morre-se em tormentos! Esses perfidos patrões, que V. por aí vê, são o refugio da sociedade humana, são os usurários mais desalmados do mundo; elles próprios vendidos não pagariam a centésima parte que devem no Pará, e entretanto vendem-nos aqui os objetos de primeira necessidade por 100 vezes mais do custo d'elles no Ceará; exemplo: lá na sua Meruoca custa uma terça da melhor farinha 50 reis, aqui, igual porção e podre, custa 5\$000! E o mais tudo é n'este gosto. Agora enquanto voce vai de viagem não nos acreditará, porém breve achará ser ainda mais do que dizemos; aqui por mais que se trabalhe, e se economise, nunca se salda contas com o

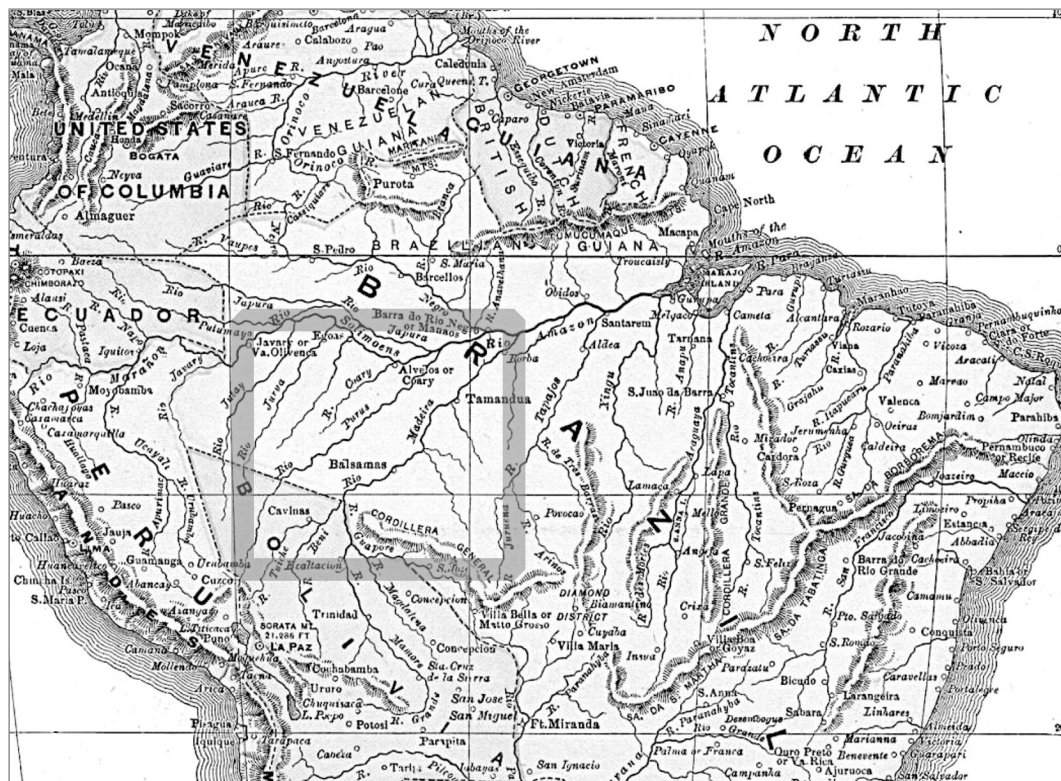
patrão, pelo contrario a divida cresce espantosamente e sempre!¹⁷

A narrativa dos patrícios abordados na viagem era atravessada por imensa desilusão. Desgostosos com a vida que levavam, os cearenses encontrados no caminho pelo velho desaconselhavam de maneira incisiva a travessia rumo ao seringal, ainda mais no caso de um sujeito que entrava no “ultimo quartel da vida”, e que estava prestes a firmar os pés num mundo de tormentos. Os patrões eram um dos alvos principais dos reclamos dos patrícios, caracterizados como o “refugio da sociedade humana”, representantes do sistema de aviamiento no qual os migrantes estavam submetidos. A luta pela sobrevivência se tornava mais difícil com o deslocamento na floresta, essa era a conclusão a que chegavam os cearenses que viviam pelas matas do Pará e Amazonas. Para piorar a situação do Caboclo Velho, seu destino era um seringal situado no distante rio Purus, território fronteiriço que juntamente com os rios Juruá e Madeira configuravam fontes de seringais recém-descobertos, uma espécie de ímã do fluxo migratório.

À época o rio Purus se situava em grande parte num território que não era definido oficialmente, pois Brasil, Peru e Bolívia tinham suas fronteiras ainda fluidas naquela área. A ausência do Estado reforçava o poderio dos donos de seringais, fiados nas enormes distâncias e no isolamento dos trabalhadores. Havia ainda a presença de várias comunidades indígenas, como a da nação Apurinã, conhecida como guerreira e árdua defensora de suas terras, que poderiam aumentar os percalços da difícil empreitada que esperava o velho migrante.¹⁸

17 “2ª carta do ‘Caboclo Velho’ ao redactor do *Cearense*”, grifo nosso.

18 Nesse sentido, que asseverava uma “imagem” dos apurinás no século XIX, tem-se o testemunho do Cônego Francisco Bernardino de Souza: “A tribu dos Ipurinans ou Hypurinã habita as margens do médio rio Purus. É tribu muito numerosa. Belicosos por índole e sempre preparando ou esperando o ataque, o Ipurinan deixa muitas vezes o arco e a flecha, desconfiado de quantos não conhece. Affirma o Sr. Tenente-coronel Labre, que os Ipurinans são de índole perversa e mãos instictos e verdadeiros antropophagos, entregando-se exclusivamente aos negocios da guerra, pilhagem e assassinato.” Souza, *Lembranças e curiosidades do Valle Amazonas*, Pará, Typ. do Futuro, 1873, p. 39.



Mapa 1: América do Sul, 1890

Fonte: Rand, McNally & Co, Engeniers, Chicago, 1890 [detalhe da fronteira amazônica entre Brasil, Bolívia e Peru, com os rios Juruá, Purus e Madeira] apud "História da América do Sul", Wikipédia, [São Francisco], Wikimedia Foundation, [s.d.], disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_América_do_Sul>, acesso em 31/05/2012.

O conjunto dos possíveis problemas acenava com cada vez mais clareza à medida que o caboclo subia a calha do Solimões em direção ao Purus, momento no qual começava a refletir sobre as ilusões que alimentou sobre a existência de um paraíso naquelas matas. Lembrava-se do que era dito corriqueiramente no Ceará sobre o Amazonas, visto como terra redentora, farta, e naquele momento revelada como uma terra madrastra, que guardava imensas dificuldades para a sobrevivência, talvez até maiores do que as piores atribulações enfrentadas no Ceará. Isto porque o velho estava “realizando”, por exemplo, que nem mesmo aquele mundo de águas — que em sua terra natal era sinônimo de riqueza — revelava boas perspectivas, pois formava um mundo molhado, “brejado”, cheio de doenças e nuvens de insetos que acompanhavam diuturnamente quem se atrevesse a enfrentar as matas.

As cores do sonho dourado iam desvanecendo, e as tormentas começavam a mostrar as garras com mais vigor. Ao chegar ao ponto do seringal no Purus, com pouco tempo de estada o Caboclo Velho já devia tanto que não tinha noção de quanto tempo ainda tinha de labutar para saldar a dívida, lamentando profundamente sua migração até aquelas paragens. Sentindo na alma as dores do arrependimento, lembrava-se das promessas feitas pelo paroara, de um mundo cheio de possibilidades onde sem grandes esforços poder-se-ia enriquecer. Tudo parecia naquele momento pura enganação. No cotidiano o Caboclo percebia as falácias montadas sobre as terras do Amazonas no Ceará, identificadas pelo velho como descaradas mentiras, principalmente quando o mentiroso se tratava do paroara, que utilizava e reforçava aquelas fantasias para convencer os irmãos de sua província a seguir tal destino inglório.

“Então com ambas as mãos na calva dizia: Oh! meu Deus, como é que em tão poucos dias me acho forçadamente a dever 600\$000 reis, será possível que eu me possa libertar mais nunca?!”. A impotência diante da situação deixava o Caboclo Velho em estado de agonia, pois não aceitava o fato de em tão pouco tempo já dever uma quantia tão grande, levando-o a crer que o objetivo de prosperar na floresta tinha se vertido em embuste de uma vez por todas. No seringal, os problemas eram acrescidos ainda com o sofrimento diante da azáfama de mosquitos hematófagos que atormentavam o migrante dia e noite, caracterizando seu estranhamento com a chegada num ambiente avesso aos seus referenciais de inter-relação com a natureza, anteriormente vividos no Ceará. Restava-lhe bradar contra a “infame súcia de pérfidos cearenses” que guiavam para a rota da ilusão milhares de patrícios, na visão do velho, condenados, assim como ele, a mais cruel e miserável escravidão.

Depois atormentado pelas densas nuvens de piuns e carapanãs, que de dia e de noite me faziam desesperar em completa allucinação comecei a gritar: malditos sejam os Joãos Gabriéis, Pinheiros, Duartes, Telles, Severianos, Nogueiras, e toda essa infame súcia de pérfidos cearenses que com as mais descaradas mentiras tem ido iludir seus incautos patrícios para aqui vil-os a mais cruel e miserável escravidão.¹⁹

19 “2ª carta do ‘Caboclo Velho’ ao redactor do Cearense”.

O Caboclo amaldiçoa uma série de homens que exerciam o ofício de paroara, atribuindo-lhes a principal culpa de todo aquele sofrimento vivenciado no seringal. Esse aspecto revela um importante elemento para a análise da trajetória dos migrantes cearenses rumo a Amazônia, pois entre os nomes indicados pelo Caboclo Velho está o de João Gabriel de Carvalho e Mello, migrante cearense que desde 1854 estava em território amazônico e que retornou ao Ceará diversas vezes no fito de conseguir trabalhadores para a floresta.

À semelhança do personagem João Simão, o paroara que aparece na obra de Theóphilo, ao retornar para o Ceará João Gabriel causava alarme entre os patrícios em função de sua riqueza, pois comprava fazendas, animais, dentre outros bens, trazendo aos conterrâneos imagens das terras amazônicas que simbolizavam a redenção da miséria, fiada inclusive na possibilidade de enriquecimento. Tudo isso era visualizado num “igual” que anos antes havia largado a família em função do fracasso como provedor do lar. A passagem de João Gabriel pela província do Ceará ocupou os estudos de Soares Bulcão, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, que escreveu artigos sobre o tema.

Esses detalhes encontrei-os ainda commentados pelos parentes e contemporâneos [...] a surpresa [com o retorno] já de si extraordinária, daria motivos para grandes festas e comemorações, mas Ella vinha acrescida da circunstância de ter o nosso heróe regressado rico, de uma riqueza que a imaginação daquelle povo modesto, habituado, naquela epocha, às pequenas fortunas da terra, logo qualificou de fabulosa e nababesca. [...]

Comprou em Sobral, a D. Luiza [...] as fazendas de Santa Maria, Valentim, Touro, e Cruz das Almas, no Aracaty-assu, e situou-as com 1005 cabeças de gado vacum, compradas a José Balbino, além de outras aquisições feitas a diversos. As fazendas custaram-lhe 30.000\$000, que naquele tempo representava uma fortuna. [...]

Retornou ao Amazonas no mesmo anno, conduzindo consigo uma verdadeira caravana, de parentes e aggregados, além da família e seus velhos progenitores.²⁰

Essa problemática indica que João Gabriel se situava entre os que adquiriram algum patrimônio, ou seja, entre a minoria que conseguiu se

20 Soares Bulcão, “O Comendador João Gabriel”, *Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará*, 46, 25 (1932), p. 36-37.

estabelecer no território amazônico e retornar à província do Ceará anos depois; porém sem a pretensão de fixar residência e sim de arremeter trabalhadores para a labuta nos seus domínios na floresta. Essa atitude pode ser inserida dentro das atividades dos paroaras, ao se esforçar na tarefa de conseguir trabalhadores dispostos a fazer a travessia para a floresta.

Certamente o papel de paroara não foi privilégio somente de João Gabriel (tendo em vista, inclusive, os vários outros nomes elencados nas cartas do Caboclo Velho), e também não foi apenas através do contato com esses emissários que se constituiu o fluxo migratório em direção às terras amazônicas. Tudo leva a crer que existiram várias outras possibilidades de deslocamento, vários outros caminhos que levaram homens e mulheres a se tornarem migrantes, a elegerem suas escolhas. Essas dinâmicas devem ser evidenciadas levando em conta o compromisso de destacar que as travessias entre o Ceará e o território amazônico não foram feitas ao acaso, e nem impostas através da condenação de uma sina ditada pelo poder econômico ou pelo Estado.

Ao se posicionar com essas intenções, abrem-se possibilidades de análise através de um viés mais largo, no qual se pode observar com uma maior amplitude o movimento em direção aos altos rios amazônicos. Pode-se entender o referido ângulo de abordagem, considerando seu posicionamento metodológico, como uma brecha em meio às análises que prezam somente por uma lógica estrutural, um indicativo que poderá ser útil para observar outras trajetórias, em outros contextos migratórios. Almeja-se, com esses arazoados, contribuir e acrescentar outras questões ao debate sobre a problemática das migrações internas no Brasil oitocentista.

recebido em 27/02/2011 • aprovado em 04/10/2011